

A. W. PINK

# O CHAMADO DE CRISTO



# O Chamado de Cristo

A. W. Pink

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”

— Mateus 11: 28-30 —

## Algumas citações deste Artigo

*“O simples fato de um verso ser tão frequentemente citado [fez com] que fôssemos completamente familiarizados com a sua linguagem não é uma prova de que nós realmente percebemos o seu significado; mas sim, o fato de que tal familiaridade impediu um exame cuidadoso torna muito mais provável que nós não o apreendemos corretamente. Há uma grande diferença entre ser familiarizado com o som de um versículo da Sagrada Escritura e adentrar ao sentido dele.”*

*“Mas vamos agora dar uma olhada em nossa passagem. Ele abre com “Vinde a mim... e eu vos aliviarei”, e praticamente fecha com “e achareis descanso para as vossas almas”. Agora não são (como alguns têm estranhamente suposto) dois descansos diferentes que são falados aqui, mas o mesmo em ambos os casos, a saber, o descanso espiritual, descanso da salvação. Tampouco são dois aspectos diferentes deste descanso que são aqui retratados, mas sim de um único descanso visto a partir de dois pontos de vista distintos. No primeiro caso, a soberania divina está em vista: “Eu te darei”; no segundo, a responsabilidade humana está sendo cumprida: “achareis”. Na sentença de abertura Cristo faz a afirmação clara de que Ele é o Doador do descanso: No que se segue Ele especifica os termos em que Ele concede descanso, ou para expressá-lo de outra maneira, as condições que devem ser cumpridas por nós, se quisermos obter o mesmo. O resto é dado gratuitamente, mas somente para aqueles que cumprem os requisitos revelados de Seu Doador.”*

*“Impenitência intencional é o grande pecado condenável de multidões que desfrutam do Evangelho, quanto [pela] qual (mais do que quaisquer outros) pecadores serão repreendidos [durante] a eternidade. A grande doutrina que tanto João Batista, o próprio Cristo e os apóstolos pregaram, era o arrependimento, a grande coisa designada tanto na “música” quanto no “luto” era persuadir as pessoas a mudar suas mentes e caminhos, para deixar seus pecados e converterem-se a Deus.”*

*“Quanto maiores os nossos privilégios e oportunidades, maiores serão as nossas obrigações, e mais forte os incentivos que temos para arrependermos do [pecado] mais hediondo, a impenitência, e quanto mais pesado será o acerto de contas. Cristo mantém nota das Suas “poderosas obras” feitas entre nós, e ainda vai nos chamar para prestar contas delas.”*

*“E as almas são enganadas se um Cristo sentimental é substituído pelo Cristo Escriturístico, se Suas “bem-aventuranças” de Mateus 5 são enfatizadas e Seus “Ais” de Mateus 23 são ignorados.”*

*“Eu vos digo, porém, que haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti” (v. 24). Sim, meu leitor, embora você não possa ouvir nada sobre isso no púlpito de satisfação*

da carne desta época degenerada, no entanto, há um “Dia de juízo” aguardando o mundo todo. Ele é “o Dia de da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras”, é o dia “em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu Evangelho” (Romanos 2:7, 16). “Porque Deus há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.” (Eclesiastes 12:14). “Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados” (2 Pedro 2:9). A punição que será, então, dispensada há de ser proporcional às oportunidades dadas e desprezadas, os privilégios concedidos e desprezados, a luz concedida e apagada. Mais intolerável de todos será o destino daqueles que abusaram dos maiores [meios de] progresso rumo ao Céu.”

“Um aviso semelhante é necessário para hiper-calvinistas com estoicismo fatalista. “Parece claro, então, que aqueles que são indiferentes sobre o evento do Evangelho, que se satisfazem com este pensamento, que os eleitos serão salvos, e não sentem nenhuma preocupação pelos pecadores adormecidos, fazem uma inferência errada de uma doutrina verdadeira, e não sabem de que espírito são. Jesus chorou por aqueles que pereceram em seus pecados. Paulo teve grande pesar e tristeza de coração pelos judeus, embora ele deu-lhes esta característica: “que não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens”. Ele assim nos torna, enquanto admiramos graça distintiva para nós mesmos, para chorarmos sobre os outros, e na medida em que as coisas encobertas pertencem ao Senhor, e nós não sabemos, mas alguns dos quais temos no presente, mas temos pequena esperança [que] poderão finalmente ser levados ao conhecimento da Verdade, nós devemos ser pacientes e tolerantes segundo o padrão de nosso Pai celestial, e nos empenharmos por todos adequados e prudentes meios para levá-los ao arrependimento, lembrando que eles não podem estar mais distante de Deus do que, por natureza, uma vez que estivemos nós mesmos.” (John Newton)

“Cristo aludiu aqui para a soberania de Deus em três detalhes. Em primeiro lugar, pelo fato de possuir Seu Pai como “Senhor do Céu e da Terra”, isto é, como único Proprietário e Despenseiro deles. É bom que nos lembremos, especialmente em épocas quando parece que Satanás é completo senhor desta esfera inferior, que Deus não apenas “faz segundo a Sua vontade com o exército do Céu”, mas também “entre os habitantes da terra”, de modo que “ninguém pode estorvar a Sua mão” (Daniel 4:35). Em segundo lugar, ao afirmar: “ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos”: ou seja, as coisas que pertencem à salvação são escondidas da apreensão dos autossuficientes e autocomplacentes, Deus deixa-os na escuridão natural. Em terceiro lugar, ao declarar “e as revelaste aos pequeninos”: pelas operações eficazes do Espírito Santo uma revelação Divina é feita aos corações daqueles que são feitos pequenos e impotentes em sua própria estima. “Sim, ó Pai, porque assim pareceu bem aos teus olhos”, expressa aquiescência perfeita do Salvador no todo.”

“Ele agora convida gentilmente a Si aqueles que Ele reconhece estarem aptos para tornarem se seus discípulos. Embora Ele esteja pronto para revelar o Pai a todos, embora a maioria seja descuidada sobre a vinda a Ele, porque eles não são afetados por uma convicção de suas

necessidades. Hipócritas não se preocupam a respeito de Cristo, porque eles estão embriagados com sua própria justiça, e nem têm fome nem sede de Sua graça. Aqueles que se dedicam ao mundo não colocam nenhum valor em uma vida celestial. Seria vão, portanto, para Cristo convidar qualquer uma destas classes e, portanto, Ele se vira para o miserável e oprimido. Ele fala deles como “trabalhando” ou estando sob um “fardo”, e não significa, geralmente aqueles que são oprimidos com dores e vexação, mas aqueles que são oprimidos por seus pecados, que são tomados pelo alarme da ira de Deus e estão prontos para afundar sob tão pesado fardo.” (João Calvino)

“O caráter das pessoas convidadas: todos os que estais cansados e sobrecarregados. Esta é uma boa palavra ao que está cansado (Isaías 50:4). Aqueles que se queixavam do peso da lei cerimonial, que era um jugo insuportável, e foi feita muito mais pela tradição dos anciãos (Lucas 11:46), deixe-os vir a Cristo e serão aliviados... Mas é sim para ser compreendido como o fardo do pecado, ambos a culpa e do poder dele. Todos aqueles, e aqueles somente, são convidados a descansar em Cristo, que são sensíveis ao pecado como um fardo e gemem sob ele, que não só estão condenados pelo mal do pecado - seu próprio pecado -, mas são contritos de alma por ele, que estão realmente doentes de pecado, cansado do serviço do mundo e da carne, que veem seu estado triste e perigoso por causa do pecado, e estão com dor e medo sobre por causa disto: como Efraim (Jeremias 31:18-20), o filho pródigo (Lucas 15:17), o publicano (Lucas 18:13), os ouvintes de Pedro (Atos 2:37), Paulo (Atos 9), o carcereiro (Atos 16: 29, 30). Este é um preparativo necessário para o perdão e a paz.” (Matthew Henry)

“Quem são as pessoas aqui convidadas? Eles são aqueles que “trabalham” (o grego expressa labuta com cansaço) e são “oprimidos”. Deve aqui ser limitado a assuntos espirituais, caso contrário ele irá admitir toda a humanidade, mesmo os opositores mais endurecidos e obstinados de Cristo e do Evangelho. “Referindo-se os religiosos cheios de justiça própria, este escritor chegou a dizer, “Você evita pecados graves, você tem, talvez, uma aparência de piedade. O pior que você acha que pode ser dito de você é que você emprega todos os seus pensamentos e todos os meios que não lhe trarão sob o chicote da lei, amontoar dinheiro, juntar a casa a casa e campo a campo; ou vocês gastam seus dias em total indolência, andando no caminho de seus próprios corações e olhando mais longe e aqui vocês dirão encontrar prazer, e insistir nisso: que vocês não são nem cansados nem sobrecarregados... então é evidente que vocês não são as pessoas a quem Cristo aqui convida para participar de seu descanso.” (John Newton)

“As pessoas convidadas não são 'todos' os habitantes da humanidade, mas há uma restrição: “todos os que estais cansados e oprimidos”, isto não significa os que trabalham a serviço do pecado e de Satanás, e estão carregados de iniquidade e insensíveis a isso; aqueles que não estão cansados do pecado, nem sobrecarregados com isso, nem eles querem ou desejam qualquer descanso para as suas almas, mas tais que, gemendo sobrecarregados com a culpa do pecado em suas consciências e são pressionados para baixo com o jugo insuportável da Lei e da carga de suas ofensas, e estiveram trabalhando até que eles se cansaram, a fim de obter

*a paz de consciência e descanso para as suas almas pela observância dessas coisas, porém em vão. Estes são encorajados a vir a Ele, deitarem seus fardos a Seus pés e olhar para Ele, e se apoderarem [do descanso] por fé em Sua pessoa, sangue e justiça.” (John Gill)*

*“Pessoalmente, prefiro muito mais a tese defendida pelos escritores mais antigos, pois com raras exceções suas exposições são muito mais sólidas do que as fornecidas em dias mais recentes. Desde do século passado, um espírito latitudinário começou a aparecer e até mesmo os mais ortodoxos eram amiúde, inconscientemente, em algum grau afetados deste modo. O banco da igreja estava cada vez mais inclinado a se irritar contra o que eles consideravam como a “rigidez” e “estreiteza” de seus pais, e os do púlpito tiveram de suavizar os aspectos da Verdade que eram mais repelentes à mente carnal se eles estivessem retendo a sua popularidade. Lado a lado com as descobertas e invenções modernas, o aumento de meios de viagens e da divulgação de notícias, vieram no que foi chamado de “uma perspectiva mais ampla” e “um espírito mais caridoso”, e posando como um anjo de luz Satanás conseguiu “Arminianisar” muitos lugares da Verdade, e mesmo quando tal não foi conseguido, O alto Calvinismo foi reduzido a calvinismo moderado.”*

*“Conforme as atividades “missionárias” absorveram mais e mais a atenção e força da Igreja, o padrão de doutrina foi rebaixado, sentimento deslocaram convicções, foram introduzidos métodos carnis, até que, em um tempo relativamente curto nove décimos daqueles enviados para “o campo estrangeiro” eram classificados como arminianos, pregando “outro evangelho”. Este reagiu sobre as terras natais e logo as interpretações das Escrituras dadas por seus púlpitos foram harmonizadas com o “novo espírito” que havia cativado a Cristandade.”*

*“Embora estejamos longe de afirmar que tudo o que é moderno é mau ou que tudo que é antigo era excelente, contudo não há qualquer dúvida em nossa mente que, de longe, a maior parte do lisonjeado “progresso” dos séculos XIX e XX foi um progresso para baixo e não para cima, para longe de Deus e não para Ele, para a escuridão e não para a luz. E, portanto, cabe-nos examinar com cuidado dobrado e cautela os pontos de vista religiosos ou formas que se desviaram dos ensinamentos e práticas comuns dos Reformadores e Puritanos piedosos. Este escritor sinceramente confia que ele não é um adorador da antiguidade, como tal, nem ele deseja chamar qualquer homem de “pai”, mas tendo em vista a terrível corrupção da Verdade e desvio da piedade vital somos compelidos a encarar com desconfiança aquelas interpretações “amplas” da Palavra de Deus que se tornara tão populares nos últimos tempos.”*

*“Senhor Jesus não tinha recebido nenhuma comissão do Céu para dar descanso da alma a toda a gente, mas somente aos eleitos de Deus. Disse Ele: “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia” (João 6:38-39), e isto, necessariamente, regulamentava todo o Seu ministério.”*

*“Embora Sua missão fosse a salvação dos eleitos de Deus (Mateus 1:21), o Senhor Jesus anunciou o projeto de sua encarnação em termos suficientemente gerais como para justificar qualquer homem verdadeiramente desejando salvação por crer nEle. “Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento” (Mateus 9:13). Muitos são chamados embora poucos sejam escolhidos (Mateus 20:16). A maneira na qual nós referimos a nossa eleição é em vir a Cristo como pecadores perdidos, confiando em Seu sangue para perdão e aceitação de Deus.”*

*“Vir a Cristo de maneira salvífica sugere em primeiro lugar e negativamente uma o abandono de alguma coisa, pois a promessa divina é: “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia” (Provérbios 28: 13). Vir a Cristo, então, denota a virar as costas para o mundo e virar nossos corações para Ele como a nossa única Esperança e Porção.”*

*“Temos dito que vir a Cristo é o virar-se de toda a alma para Ele.”*

*“É útil observar que estes exercícios das três faculdades da alma correspondem ao caráter tríplice de Cristo: o entendimento que está sendo iluminado por Ele como Profeta, os afetos sendo movido por seu trabalho como Sacerdote, e a vontade se curvando a Sua autoridade como Rei sobre Sião.”*

# O Chamado de Cristo

(Arthur Walkington Pink)

*“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus 11:28-30).*

Familiar como é o som dessas palavras aos cristãos professos, no entanto há uma necessidade urgente de seu exame cuidadoso, pois há algumas porções da Palavra de Deus, que receberam tal tratamento superficial nas mãos de pregadores geralmente como recebeu a acima. Que esses versos, como todos os outros no Volume Sagrado, chamam para a meditação em oração alguns vão admitir formalmente, mas que tal “simples passagem” demanda um estudo prolongado poucos parecem perceber. É neste exato ponto [que] tanto dano tem sido feito: muitos tinham como certo que já haviam entendido o significado de tal passagem, e, portanto, nenhuma investigação diligente sobre o significado de seus termos foi realizada. O simples fato de um verso ser tão frequentemente citado [fez com] que fôssemos completamente familiarizados com a sua linguagem não é uma prova de que nós realmente percebemos o seu significado; mas sim, o fato de que tal familiaridade impediu um exame cuidadoso torna muito mais provável que nós não o apreendemos corretamente.

Há uma grande diferença entre ser familiarizado com o som de um versículo da Sagrada Escritura e adentrar ao sentido dele. O fato triste é que hoje existem milhares de "evangelistas" não qualificados e "alto-falantes" automeados ao ar livre que levemente citam trechos da Palavra de Deus, mas não mais entendem o significado espiritual das palavras proferidas por seus lábios mais do que as linhas telegráficas percebem as mensagens que passam por elas. E isso não é de admirar. A nossa época é uma que está cada vez mais marcada por vadiagem industrial e frouxidão mental, quando o trabalho é detestado, quando a rapidez com que uma tarefa pode ser descartada é preferível a quão bem ela pode ser feita, é a ordem do dia. E o mesmo espírito dilatatório e métodos desleixados marcam os produtos tanto do púlpito quanto da página impressa. Por isso, o tratamento superficial que a passagem acima comumente recebe: nenhuma consideração é dada ao seu contexto, nenhuma laboriosa tentativa analisada para verificar a sua coerência (a relação de uma oração com outra), nenhum meticuloso exame e exposição de seus termos.

Se alguma vez uma passagem da Escritura foi mutilada e dilacerada por pregadores, seu significado pervertido e arrancado, é aquela citada acima. Dezenove vezes de vinte apenas



um mero fragmento do que é citado: a parte que é mais desagradável para a carne está sendo omitida. Uma chamada especial é torcida em um convite promíscuo deliberadamente ignorando os termos de qualificação não utilizados pelo Salvador. Mesmo onde a cláusula de abertura é citada, nenhuma tentativa é feita procurando mostrar que é significado por e envolvido em “vir a Cristo”, por isso o ouvinte é deixado a presumir que ele já entende o significado dessa expressão. Os ofícios especiais nos quais o Filho de Deus está ali retratado, ou seja, como Senhor e Mestre, como o Príncipe e Profeta, são ignorados, e outros estão substituindo o seu lugar. A promessa condicional aqui feita por Cristo é falsificada, tornada incondicional, como se o seu “descanso” pudesse ser obtido sem que nós tomemos Seu “jugo” sobre nós e sem a nossa “aprendizagem” d'Aquele que é manso e humilde de coração.

Estamos bem conscientes de que tais cobranças e restrições como acabamos de fazer podem ser ressentidas amargamente por uma grande classe de frequentadores da igreja, que não querem ouvir qualquer pessoa ou coisa que os critique. Mas não é para eles que nós escrevemos: se eles estão preparados para permanecer “sossegados em Sião” [Amós 6:1], se eles estão contentes que sejam enganados ou não, se eles têm tanta confiança nos homens que estão dispostos a receber as coisas mais valiosas e importantes de toda segunda mão, se eles se recusam a examinar suas fundações e esquadrihar seus corações, então temos de “deixá-los” (Mateus 15: 14). Porém ainda há alguns à esquerda na terra que prezam suas almas tão altamente que não consideram nenhum esforço demasiado grande a fim de verificar a existência ou não da posse de um conhecimento salvador da verdade de Deus, se eles compreendem verdadeiramente ou não, os termos da salvação de Deus; se eles estão construindo sobre uma base inabalável ou não; e é na esperança de que o Senhor se digne a abençoar estes artigos que lhes estamos escrevendo os mesmos.

Mas vamos agora dar uma olhada em nossa passagem. Ele abre com “Vinde a mim... e eu vos aliviarei”, e praticamente fecha com “e achareis descanso para as vossas almas”. Agora não são (como alguns têm estranhamente suposto) dois descansos diferentes que são falados aqui, mas o mesmo em ambos os casos, a saber, o descanso espiritual, descanso da salvação. Tampouco são dois aspectos diferentes deste descanso que são aqui retratados, mas sim de um único descanso visto a partir de dois pontos de vista distintos. No primeiro caso, a soberania divina está em vista: “Eu te darei”; no segundo, a responsabilidade humana está sendo cumprida: “achareis”. Na sentença de abertura Cristo faz a afirmação clara de que Ele é o Doador do descanso: No que se segue Ele especifica os termos em que Ele concede descanso, ou para expressá-lo de outra maneira, as condições que devem ser cumpridas por nós, se quisermos obter o mesmo. O resto é dado gratuitamente, mas somente para aqueles que cumprem os requisitos revelados de Seu Doador.

“Vinde a Mim”. Quem é que emite este chamado? Cristo, você responde. É verdade, mas Cristo em que caráter particular? Alguns podem perguntar: O que exatamente você quer dizer com isso? Isto: estava Cristo aqui falando como Rei, comandando seus súditos; como Criador, dirigindo-se às Suas criaturas; como o médico, convidando o doente; ou como Senhor, instruindo os Seus servos? Será que alguém responde: Tais distinções confusas estão além de mim o suficiente para eu considerar isto como o Salvador oferecendo descanso para os miseráveis pecadores. Mas você não obteve para si próprio uma distinção em sua mente entre a Pessoa de Cristo e o ofício de Cristo? e você não distinguiu nitidamente entre Seu ofício como Profeta, como Sacerdote e como Rei? E você não encontrou tais distinções necessárias e úteis? Então por que reclamar se estamos buscando chamar a atenção para as variadas relações que nosso Senhor mantém e a importância de notar em qual destas relações Ele está agindo em um determinado momento[?]. É atenção a detalhes como este que muitas vezes faz toda a diferença entre um entendimento certo e errado de uma passagem.

Para responder a nossa questão, em que caráter particular Cristo fez aqui este chamado: "Vinde a Mim", é necessário para nós olharmos para os versículos anteriores: atenção ao contexto é uma das primeiras preocupações para aqueles que cuidadosamente ponderam uma passagem particular. Mateus 11 abre com menção de João Batista ter sido lançado na prisão, de onde enviou mensageiros a Cristo informando-O de sua perplexidade (vv. 2, 3). Então nosso Senhor vindicou publicamente Seu precursor e magnificou seu ofício exclusivo (vv. 4-15). Tendo louvado a Batista e seu ministério, Cristo passou a reprovar aqueles que tinham o privilégio de desfrutar tanto deste como do Seu próprio, porque eles não se beneficiaram com o mesmo, sim, tinham desprezado e rejeitado tanto um quanto o outro. Tão depravadas eram as pessoas daquela época que acusaram João de ser possuído por demônios e Cristo de ser um comilão e beberrão (vv. 16-19).

Nos versos 20-24, temos uma das passagens mais solenes a ser encontradas nas Sagradas Escrituras, registradas como algumas das mais terríveis palavras que já saíram dos lábios do Filho de Deus encarnado. Ele destrançou as cidades onde a maioria dos seus milagres foram feitos, e que, porque “não se haverem arrependeram” (v. 20). Que seja devidamente observado por aqueles que parecem gostar de retratar nosso Senhor como uma pessoa covarde e afeminada, que era incapaz de pronunciar uma sílaba que ferisse os sentimentos de alguém, uma caricatura de sentimentalismo piegas fabricado pelos Romanistas, porém como se fomentou por muitos nas fileiras do Protestantismo – o Cristo das Escrituras se recusou a encobrir a perversidade do povo, em vez disso, acusou-os de seus pecados. E deixem os Antinomianos observarem também que, longe do Cristo de Deus ignorar a responsabilidade humana ou desculpar a impotência espiritual dos homens, Ele os mantinha estritamente responsáveis e os culpava por sua impenitência.

“Impenitência intencional é o grande pecado condenável de multidões que desfrutam do Evangelho, quanto [pela] qual (mais do que quaisquer outros) pecadores serão repreendidos [durante] a eternidade. A grande doutrina que tanto João Batista, o próprio Cristo e os apóstolos pregaram, era o arrependimento, a grande coisa designada tanto na “música” quanto no “luto” era persuadir as pessoas a mudar suas mentes e caminhos, para deixar seus pecados e converterem-se a Deus, mas isso [em si mesmo] não os traria para [isso]. Ele não disse, porque eles não acreditavam que, por algum tipo de fé muitos deles tinham, de que Cristo era um “Mestre, vindo de Deus”, mas porque “não se arrependeram” – a sua fé não prevaleceu para a transformação de seus corações e a reforma de suas vidas. Cristo os reprovou por seus outros pecados para que Ele pudesse levá-los ao arrependimento, mas quando eles não se arrependeram, Ele censurou-lhes como que à sua recusa em serem curados. Ele censurou-lhes com isto, para que se repreendessem a si mesmos, e pudessem, finalmente ver sua própria loucura, como o que, por si só, torna o caso triste, um desesperado e a ferida incurável” (Matthew Henry).

O pecado em particular para o qual Cristo censurou-lhes foi o de impenitência, o agravamento especial de seu pecado foi que eles tinham testemunhado a maioria das obras milagrosas de Cristo, pois foi nessas cidades que o Senhor havia por algum tempo residido e onde muitos de seus milagres de cura foram realizados. Agora, existem alguns lugares que gozam os meios de graça mais abundante e poderosamente do que outros. Como certas partes da terra recebem chuvas muito mais copiosas do que outros, alguns países e cidades específicas em si têm sido favorecidos com mais pura pregação do Evangelho e mais efusões do Espírito do que os outros, porque Deus é soberano na distribuição dos seus dons naturais e espirituais. E “a quem muito é dado, muito será cobrado” (Lucas 12:48). Quanto maiores os nossos privilégios e oportunidades, maiores serão as nossas obrigações, e mais forte os incentivos que temos para arrepender-nos do [pecado] mais hediondo, a impenitência, e quanto mais pesado será o acerto de contas. Cristo mantém nota dos Suas “poderosas obras” feitas entre nós, e ainda vai nos chamar para prestar contas delas.

“Ai de ti, Corazim! ai de ti, Betsaida!” (Mateus 11: 21). Cristo veio ao mundo, a fim de dispensar bênção, mas se sua pessoa for desprezada; Sua autoridade, rejeitada e Suas misericórdias menosprezadas, então Ele tem males guardados, e Seus males são de todos os mais terríveis. Mas como muitas pessoas que frequentam a igreja hoje [nunca] ouviram alguma coisa sobre isso? Ó, traição do púlpito moderno, a sua infidelidade abundante! Ele tomou deliberadamente a linha de menor resistência e procurou apenas agradar ao banco, culposamente retendo o que é desagradável e impopular. Quantas vezes estive este escritor dizendo, mesmo há vinte anos “Nosso povo não deveria tolerar tal simples discurso”, e “pregação desse tipo iria esvaziar nossa igreja”, para o qual respondeu “é muito

melhor fechar sua igreja completamente do que mantê-la aberta com o propósito de enganar almas”. E as almas são enganadas se um Cristo sentimental é substituído pelo Cristo Escriturístico, se Suas “bem-aventuranças” de Mateus 5 são enfatizadas e Seus “Ais” de Mateus 23 são ignorados.

Ainda em agravamento do seu pecado de impenitência, nosso Senhor afirmou que os cidadãos de Corazim e Betsaida eram piores de coração do que as nações que eles desprezavam, afirmando que tivessem Tiro e Sidom desfrutado de tais privilégios, como havia sido dado a aqueles, eles teriam “se arrependido há muito tempo em pano de saco e cinza”. Algumas das bênçãos que a cristandade despreza seriam bem-vindas em muitas partes do paganismo. “Nós não somos competentes para resolver todas as dificuldades ou totalmente para entender todo este assunto, basta que Cristo conhecia os corações dos judeus impenitentes a ser mais endurecidos na rebelião e inimizade e menos suscetíveis de impressões adequadas de Sua doutrina e milagres, do que aqueles habitantes de Tiro e de Sidom teriam sido, e, portanto, sua condenação final seria proporcionalmente mais intolerável” (Thomas Scott). É de se notar, por um lado, que esta passagem não está sozinha (veja Ezequiel 3:6-7); e por outro que o arrependimento falado aqui por Cristo não é necessariamente aquele que leva à salvação eterna.

Ainda mais solenes são as terríveis palavras de Cristo registradas em Mateus 11: 23, 24. Ali Ele anuncia a condenação da altamente favorecida Cafarnaum. Por causa dos privilégios indescritíveis concedidos a seus habitantes, haviam sido levantados Rumo ao Céu, mas porque seus corações eram tão apegados à terra que desprezaram essas bênçãos, e, portanto, seriam “abatidos até ao inferno”. Quanto maiores as vantagens desfrutadas, mais temível a desgraça daqueles que abusam delas, quanto maior a elevação, mais fatal a sua queda. A honrosa Cafarnaum é então comparada com a desonrada Sodoma, que por causa de suas atrocidades Deus a havia destruído com fogo e enxofre. Foi em Cafarnaum que o Senhor Jesus tinha essencialmente residido após iniciar Seu ministério público, e onde muitos de Seus milagres de cura haviam sido operados. No entanto, tão obstinados eram seus habitantes, tão apegados aos seus pecados, eles se recusaram solicitar a Ele para a cura de suas almas. Se houvessem tais obras poderosas sido feitas por Ele em Sodoma, seu povo teria sido devidamente afetado e sua cidade teria permanecido como um monumento duradouro da misericórdia Divina.

“Eu vos digo, porém, que haverá menos rigor para os de Sodoma, no dia do juízo, do que para ti” (v. 24). Sim, meu leitor, embora você não possa ouvir nada sobre isso no púlpito de satisfação da carne desta época degenerada, no entanto, há um “Dia de juízo” aguardando o mundo todo. Ele é “o Dia de da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras”, é o dia “em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu Evangelho” (Romanos 2:7, 16). “Porque Deus

há de trazer a juízo toda a obra, e até tudo o que está encoberto, quer seja bom, quer seja mau.” (Eclesiastes 12:14). “Assim, sabe o Senhor livrar da tentação os piedosos, e reservar os injustos para o dia do juízo, para serem castigados” (2 Pedro 2:9). A punição que será, então, dispensada há de ser proporcional às oportunidades dadas e desprezadas, os privilégios concedidos e desprezados, a luz concedida e apagada. Mais intolerável de todos será o destino daqueles que abusaram dos maiores [meios de] progresso rumo ao Céu.

“Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.” (Mateus 11:25). A ligação entre este e os versos anteriores é mais bendita e instrutivo. Ali o Senhor Jesus dá a entender que a maioria dos seus milagres não haviam produzido bons efeitos naqueles os que os viram, que os seus observadores permaneceram impenitentes – tão pouca influência teve sua presença santa e graciosa exercida sobre Cafarnaum, onde ele passou a maior parte de seu tempo, que o seu destino seria pior do que a de Sodoma. Mas aqui Cristo desvia Seu olhar da terra para o céu, e encontra consolo na elevada soberania de Deus e na segurança absoluta da Sua aliança. Censurando a impenitência dos homens Cristo virou-se para render graças ao Pai. Na palavra “respondeu” Matthew Henry disse: “É chamado de uma resposta que nenhuma outras palavras são encontradas gravadas senão a Sua própria, porque é tão confortável uma resposta às considerações melancólicas que a precederam, e é apropriadamente pesado na balança contra eles.”

Uma palavra de advertência é necessária, talvez, neste momento, pois somos tais criaturas de extremos. Nos parágrafos anteriores nos referimos aqueles que têm substituído um Cristo sentimental pelo verdadeiro Cristo, mas o leitor não deve inferir disso que o escritor acredita em um Cristo estoico – duro, frio, desprovido de sentimento. Não é assim, o Cristo das Escrituras é o homem perfeito, assim como o Filho de Deus, dotado, portanto, de sensibilidade humana, sim, capaz de sentir muito mais profundo do que qualquer um de nós, cujas faculdades estão corrompidos e embotadas pelo pecado. Não se deve pensar, então, que o Senhor Jesus não foi afetado pela dor, quando Ele pronunciou a condenação dessas cidades, ou que Ele os via com indiferença fatalista enquanto Ele encontrou conforto na soberania de Deus. Escritura deve ser comparada com Escritura: Aquele que chorou sobre Jerusalém (Lucas 19: 41) não seria indiferente enquanto Ele previa a porção intolerável aguardando Cafarnaum – O fato de que ele era “o homem de dores” completamente impede tal conceito.

Um aviso semelhante é necessário para hiper-calvinistas com estoicismo fatalista. “Parece claro, então, que aqueles que são indiferentes sobre o evento do Evangelho, que se satisfazem com este pensamento, que os eleitos serão salvos, e não sentem nenhuma preocupação pelos pecadores adormecidos, fazem uma inferência errada de uma doutrina verdadeira, e não sabem de que espírito são. Jesus chorou por aqueles que pereceram em

seus pecados. Paulo teve grande pesar e tristeza de coração pelos judeus, embora ele deulhes esta característica: “que não agradam a Deus, e são contrários a todos os homens”. Ele assim nos torna, enquanto admiramos graça distintiva para nós mesmos, para chorarmos sobre os outros, e na medida em que as coisas encobertas pertencem ao Senhor, e nós não sabemos, mas alguns dos quais temos no presente, mas temos pequena esperança [que] poderão finalmente ser levados ao conhecimento da Verdade, nós devemos ser pacientes e tolerantes segundo o padrão de nosso Pai celestial, e nos empenharmos por todos adequados e prudentes meios para levá-los ao arrependimento, lembrando que eles não podem estar mais distante de Deus do que, por natureza, uma vez que estivemos nós mesmos” (John Newton).

Como Homem perfeito e como “ministro da circuncisão” (Romanos 15:8) o Senhor Jesus sentiu profundamente a falta de resposta a Ele e a pequena medida de sucesso que assistiram Seus graciosos e árduos esforços: Isso é claro a partir de seu lamento: “Debalde tenho trabalhado, inútil e vãmente gastei as minhas forças” (Isaías 49:4). Impressionante é observar como consolou-se: “todavia o meu direito está perante o Senhor, e o meu galardão (ou “recompensa”) perante o meu Deus” (Isaías 49:4). Assim, tanto na linguagem da profecia quanto aqui em Mateus 11: 25,26 nós encontramos o Senhor Jesus buscando alívio dos desalentos e decepções do Evangelho, refugiando-se na soberania Divina. “Podemos ter um grande incentivo em olhar acima para Deus, quando ao redor de nós não vemos nada, senão o que é desencorajador. É triste ver como a maioria dos homens são indiferentes à sua própria felicidade, é confortável pensar que o Deus sábio e fiel, no entanto, efetivamente garante os interesses de Sua própria glória” (Matthew Henry).

Cristo aludiu aqui para a soberania de Deus em três detalhes. Em primeiro lugar, pelo fato de possuir Seu Pai como “Senhor do Céu e da Terra”, isto é, como único Proprietário e Despenseiro deles. É bom que nos lembremos, especialmente em épocas quando parece que Satanás é completo senhor desta esfera inferior, que Deus não apenas “faz segundo a Sua vontade com o exército do Céu”, mas também “entre os habitantes da terra”, de modo que “ninguém pode estorvar a Sua mão” (Daniel 4:35). Em segundo lugar, ao afirmar: “ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos”: ou seja, as coisas que pertencem à salvação são escondidas da apreensão dos autossuficientes e autocomplacentes, Deus deixa-os na escuridão natural. Em terceiro lugar, ao declarar “e as revelaste aos pequeninos”: pelas operações eficazes do Espírito Santo uma revelação Divina é feita aos corações daqueles que são feitos pequenos e impotentes em sua própria estima. “Sim, ó Pai, porque assim pareceu bem aos teus olhos”, expressa aquiescência perfeita do Salvador no todo.

“Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”

(Mateus 11:27). Este versículo fornece o elo de ligação imediata entre a soberania da graça divina mencionado nos versículos 25 e 26, e da oferta e da comunicação da graça por meio de Cristo nos versos 28-30. As dispensações da graça divina foram feitas e ratificadas na Aliança Eterna: a comunicação da mesma é por e através de Cristo, como o Mediador da Aliança. Primeiro, temos aqui a grande comissão que o Mediador recebeu do Pai: todas as coisas necessárias para a administração da aliança foram entregues a Cristo (compare Mateus 28:18, João 5:22, 17:2). Em segundo lugar, nós temos aqui a dignidade inconcebível do Filho: para que uma falsa inferência fosse tirada da cláusula anterior, a Divindade essencial e absoluta de Cristo é afirmada. Inferior no ofício, a natureza e a dignidade de Cristo são as mesmas que as do Pai. Como mediador Cristo recebe tudo do Pai, mas como Deus, o Filho, Ele é, em todos os sentidos, igual ao Pai em Sua incompreensível e gloriosa Pessoa. Em terceiro lugar, o trabalho do mediador é aqui resumido em um grande artigo: o de revelar o Pai para aqueles que foram dados a Ele.

Assim, o contexto de Mateus 11:28 revela Cristo nas seguintes características: Como o repreensor do impenitente, bem como o pronunciador do solene “ai” sobre aqueles que não foram afetados pelas Suas grandes obras, como o anunciador do Dia do julgamento, declarando que a punição que aguardava aqueles que desprezaram as misericórdias do Evangelho deveriam ser mais intoleráveis do que a dispensada à Sodoma: como o ratificador da grandiosa soberania de Deus, que esconde e revela as coisas concernentes à salvação como bem parecer aos Seus olhos, como o Mediador da aliança e como o Filho co-igual ao Pai, e como Aquele por quem o Pai é revelado.

## QUEM CRISTO CHAMOU?

“Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei” (Mateus 11:28). Tendo examinado longamente contexto destas palavras, para que possamos melhor compreender a sua ligação e as características específicas em que Cristo está ali retratado, voltamo-nos agora a considerar as pessoas aqui abordadas, aqueles que foram convidados para vir para ao Doador do Descanso. Sobre este ponto, tem havido alguma diferença entre os comentaristas, alguns dando um escopo mais restrito a este apelo de Cristo e alguns um mais amplo. É de se notar, contudo, que todos os principais homens entre os expositores anteriores unem-se em restringir esta chamada específica a uma classe especial. Vamos citar dois ou três dos principais:

*“Ele agora convida gentilmente a Si aqueles que Ele reconhece estarem aptos para tornarem-se seus discípulos. Embora Ele esteja pronto para revelar o Pai a todos, embora a maioria seja descuidada sobre a vinda a Ele, porque eles não são afetados por uma convicção de suas necessidades. Hipócritas não se preocupam a respeito de Cristo, porque eles estão embriagados com sua própria*

*justiça, e nem têm fome nem sede de Sua graça. Aqueles que se dedicam ao mundo não colocam nenhum valor em uma vida celestial. Seria vão, portanto, para Cristo convidar qualquer uma destas classes e, portanto, Ele se vira para o miserável e oprimido. Ele fala deles como “trabalhando” ou estando sob um “fardo”, e não significa, geralmente aqueles que são oprimidos com dores e vexação, mas aqueles que são oprimidos por seus pecados, que são tomados pelo alarme da ira de Deus e estão prontos para afundar sob tão pesado fardo” (João Calvino).*

*“O caráter das pessoas convidadas: todos os que estais cansados e sobrecarregados. Esta é uma boa palavra ao que está cansado (Isaías 50:4). Aqueles que se queixavam do peso da lei cerimonial, que era um jugo insuportável, e foi feita muito mais pela tradição dos anciãos (Lucas 11: 46), deixe-os vir a Cristo e serão aliviados... Mas é sim para ser compreendido como o fardo do pecado, ambos a culpa e do poder dele. Todos aqueles, e aqueles somente, são convidados a descansar em Cristo, que são sensíveis ao pecado como um fardo e gemem sob ele, que não só estão condenados pelo mal do pecado - seu próprio pecado -, mas são contritos de alma por ele, que estão realmente doentes de pecado, cansado do serviço do mundo e da carne, que veem seu estado triste e perigoso por causa do pecado, e estão com dor e medo sobre por causa disto: como Efraim (Jeremias 31:18-20), o filho pródigo (Lucas 15:17), o publicano (Lucas 18:13), os ouvintes de Pedro (Atos 2:37), Paulo (Atos 9), o carcereiro (Atos 16: 29, 30). Este é um preparativo necessário para o perdão e a paz” (Matthew Henry).*

*“Quem são as pessoas aqui convidadas? Eles são aqueles que “trabalham” (o grego expressa labuta com cansaço) e são “oprimidos”. Deve aqui ser limitado a assuntos espirituais, caso contrário ele irá admitir toda a humanidade, mesmo os opositores mais endurecidos e obstinados de Cristo e do Evangelho. “Referindo-se os religiosos cheios de justiça própria, este escritor chegou a dizer, “Você evita pecados graves, você tem, talvez, uma aparência de piedade. O pior que você acha que pode ser dito de você é que você emprega todos os seus pensamentos e todos os meios que não lhe trarão sob o chicote da lei, amontoar dinheiro, juntar a casa a casa e campo a campo; ou vocês gastam seus dias em total indolência, andando no caminho de seus próprios corações e olhando mais longe e aqui vocês dirão encontrar prazer, e insistir nisso: que vocês não são nem cansados nem sobrecarregados... então é evidente que vocês não são as pessoas a quem Cristo aqui convida para participar de seu descanso” (John Newton).*



*“As pessoas convidadas não são ‘todos’ os habitantes da humanidade, mas há uma restrição: “todos os que estais cansados e oprimidos”, isto não significa os que trabalham a serviço do pecado e de Satanás, e estão carregados de iniquidade e insensíveis a isso; aqueles que não estão cansados do pecado, nem sobrecarregados com isso, nem eles querem ou desejam qualquer descanso para as suas almas, mas tais que, gemendo sobrecarregados com a culpa do pecado em suas consciências e são pressionados para baixo com o jugo insuportável da Lei e da carga de suas ofensas, e estiveram trabalhando até que eles se cansaram, a fim de obter a paz de consciência e descanso para as suas almas pela observância dessas coisas, porém em vão. Estes são encorajados a vir a Ele, deitarem seus fardos a Seus pés e olhar para Ele, e se apoderarem [do descanso] por fé em Sua pessoa, sangue e justiça” (John Gill).*

Em tempos mais recentes, a maioria dos pregadores têm lidado com o nosso texto como se o Senhor Jesus estivesse emitindo um convite indefinido, em relação Seus termos como sendo suficientemente geral e amplo em seu escopo para incluir os pecadores de todos os graus e tipos. Supunham que as palavras, “Que estai cansados e oprimidos são” referem-se a miséria e escravidão que a Queda trouxe sobre toda a raça humana, como seus infelizes súditos vão buscar satisfação nas coisas temporais e sensuais, procurando encontrar a felicidade nos prazeres do pecado. “A miséria universal do homem é retratada em ambos os lados - as formas ativas e passivas dele” (Fausset e Brown), ou seja, eles estão trabalhando por contentamento pela satisfação de seus desejos, apenas para acrescentar às suas misérias por tornarem-se mais e mais os escravos sobrecarregados de pecado.

É bem verdade que o não regenerado “trabalha para o fogo” e que “se cansem em vão” (Habacuque 2:13). É bem verdade que eles “trabalham em vão” (Jeremias 51:58), e “Que proveito tem aquele que trabalha para o vento?” (Eclesiastes 5:16). É certo que “gastam dinheiro naquilo que não é pão” e “trabalho naquilo que não pode satisfazer” (Isaías 55:2), pois “os olhos não se fartam de ver, nem os ouvidos de ouvir” (Eclesiastes 1:8). É igualmente verdade que os não regenerados são sobrecarregados – “um povo carregado de iniquidade” (Isaías 1:4), ainda eles são totalmente insensíveis quanto ao seu estado terrível: “O trabalho dos tolos a cada um deles fatiga, porque não sabem como ir à cidade” (Eclesiastes 10:15). Além disso, “Mas os ímpios são como o mar bravo, porque não se pode aquietar, e as suas águas lançam de si lama e lodo. Não há paz para os ímpios, diz o meu Deus” (Isaías 57:20-21): eles não têm nem paz de consciência, nem descanso de coração. Mas é outra coisa afirmar que estes são os personagens que Cristo os convidou para vir a Ele para descansar.

Pessoalmente, prefiro muito mais a tese defendida pelos escritores mais antigos, pois com raras exceções suas exposições são muito mais sólidas do que as fornecidas em dias mais recentes. Desde o século passado, um espírito latitudinário começou a aparecer e até mesmo os mais ortodoxos eram amiúde, inconscientemente, em algum grau afetados deste modo. O banco da igreja estava cada vez mais inclinado a se irritar contra o que eles consideravam como a “rigidez” e “estreiteza” de seus pais, e os do púlpito tiveram de suavizar os aspectos da Verdade que eram mais repelentes à mente carnal se eles estivessem retendo a sua popularidade. Lado a lado com as descobertas e invenções modernas, o aumento de meios de viagens e da divulgação de notícias, vieram no que foi chamado de “uma perspectiva mais ampla” e “um espírito mais caridoso”, e posando como um anjo de luz Satanás conseguiu “Arminianisar” muitos lugares da Verdade, e mesmo quando tal não foi conseguido, O alto Calvinismo foi reduzido a calvinismo moderado.

Isto a que acabamos de aludir não é nenhuma concepção distorcida nossa, a emissão de uma teologia radical, mas um fato solene que nenhum estudante honesto da história eclesiástica pode negar. A Cristandade, meu leitor, não entrou nesta condição indescritivelmente terrível que está agora de repente: sim seu estado atual é o resultado de uma deterioração constante e de longo prazo. O veneno mortal do erro foi introduzido um pouco aqui e um pouco ali, a quantidade sendo aumentada [assim] como menos oposição foi feita contra ele. Conforme as atividades “missionárias” absorveram mais e mais a atenção e força da Igreja, o padrão de doutrina foi rebaixado, sentimento deslocaram convicções, foram introduzidos métodos carnis, até que, em um tempo relativamente curto nove décimos daqueles enviados para “o campo estrangeiro” eram classificados como arminianos, pregando “outro evangelho”. Este reagiu sobre as terras natais e logo as interpretações das Escrituras dadas por seus púlpitos foram harmonizadas com o “novo espírito” que havia cativado a Cristandade.

Embora estejamos longe de afirmar que tudo o que é moderno é mau ou que tudo que é antigo era excelente, contudo não há qualquer dúvida em nossa mente que, de longe, a maior parte do lisonjeado “progresso” dos séculos XIX e XX foi um progresso para baixo e não para cima, para longe de Deus e não para Ele, para a escuridão e não para a luz. E, portanto, cabe-nos examinar com cuidado dobrado e cautela os pontos de vista religiosos ou formas que se desviaram dos ensinamentos e práticas comuns dos Reformadores e Puritanos piedosos. Este escritor sinceramente confia que ele não é um adorador da antiguidade, como tal, nem ele deseja chamar qualquer homem de “pai”, mas tendo em vista a terrível corrupção da Verdade e desvio da piedade vital somos compelidos a encarar com desconfiança aquelas interpretações “amplas” da Palavra de Deus que se tornaram tão populares nos últimos tempos

Cabe-nos agora apontar uma ou duas das razões por que não acreditam que Cristo estava aqui fazendo um convite transmissível, emitido promiscuamente para as cabeças-iluminadas, “alegres necessitados”, “loucos por prazeres”, massas que não têm apetite para o Evangelho e não se preocupam com os seus interesses eternos: que esta chamada não foi dirigida às multidões sem Deus, descuidadas, vertiginosas e mundanas, mas sim aos que foram sobrecarregados com um senso de pecado e ansiavam por alívio de consciência. Em primeiro lugar, porque o Senhor Jesus não tinha recebido nenhuma comissão do Céu para dar descanso da alma a toda a gente, mas somente aos eleitos de Deus. Disse Ele: “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia” (João 6:38-39), e isto, necessariamente, regulamentava todo o Seu ministério.

Em segundo lugar, porque o Senhor Jesus sempre praticava o que pregava. Aos seus discípulos, Ele disse: “Não deis aos cães as coisas santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas, não aconteça que as pisem com os pés e, voltando-se, vos despedacem” (Mateus 7:6). Podemos, então, conceber nosso santo Senhor convidando os despreocupados a vir a Ele para aquilo que seus corações abominavam? Tem Ele deixado aos seus ministros tal exemplo? Certamente, a palavra que ele gostaria que eles pregassem aos membros intoxicados por prazeres da sua geração nascente é: “Alegra-te, jovem, na tua mocidade, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade, e anda pelos caminhos do teu coração, e pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas estas coisas te trará Deus a juízo” (Eclesiastes 11:9). Em terceiro lugar, porque o contexto imediato é totalmente fora de sintonia com a interpretação mais ampla. Lá encontramos Cristo pronunciando os mais solenes “ais” sobre aqueles que O desprezaram e rejeitaram (Mateus 11: 20-24), extraindo consolação da soberania de Deus e agradecendo a Ele, porque Ele havia escondido dos sábios e prudentes as coisas que pertenciam até a sua paz eterna, mas as tinha revelado aos pequeninos (vv. 25, 26), e são esses “pequeninos” que Ele está aqui convidando para Si, e ali nós O encontramos apresentado como Aquele comissionado pelo Pai e como o Revelador dEle [do Pai].(v. 27).

Não se deve concluir de qualquer coisa dita acima que o escritor não acredita em um Evangelho sem restrições ou que ele se opõe à oferta geral de Cristo para todos os que a ouvem. Não é assim: suas ordens são muito claras para qualquer mal-entendido: seu Mestre tem ordenado a ele “pregar o Evangelho a toda criatura” tanto quanto a providência Divina admite, e a substância da mensagem do Evangelho é que Cristo morreu pelos pecadores e está pronto para receber todo pecador que está disposto a recebê-Lo em Seus termos prescritos. Embora Sua missão era a salvação dos eleitos de Deus (Mateus 1:21), o Senhor Jesus anunciou o projeto de sua encarnação em termos suficientemente gerais como para justificar qualquer homem verdadeiramente desejando salvação por crer nEle.

“Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento” (Mateus 9:13). Muitos são chamados embora poucos sejam escolhidos (Mateus 20:16). A maneira na qual nós referimos a nossa eleição é em vir a Cristo como pecadores perdidos, confiando em Seu sangue para perdão e aceitação de Deus.

Em seu excelente sermão sobre as palavras diante de nós, John Newton, de abençoada memória apontou que, quando Davi foi levado para o deserto pela fúria de Saul que “E ajuntou-se a ele todo o homem que se achava em aperto, e todo o homem endividado, e todo o homem de espírito desgostoso, e ele se fez capitão deles” (1 Samuel 22:2). Mas Davi foi desprezado por aqueles que, como Nabal (1 Samuel 25:10) viveram à vontade: eles acreditavam que ele não deveria ser um rei sobre Israel, e, portanto, eles preferiram o favor de Saul a quem Deus havia rejeitado. Assim foi com o Senhor Jesus: embora uma Pessoa Divina, investido de toda a autoridade, graça e bênçãos, e declarando que Ele é o Rei de todos os que obedecerem a sua voz e que eles devem ser Seu povo feliz, contudo a maioria não viu beleza para que O desejassem, não sentiram necessidade dEle, e assim O rejeitaram. Apenas alguns, que estavam conscientemente miseráveis e oprimidos acreditaram em Sua Palavra e vieram a Ele para descansar.

Devemos agora perguntar, o que fez nosso Senhor significar quando Ele ordenou a todos os cansados e oprimidos: “Vinde a mim”? Em primeiro lugar, é evidente que algo mais do que um ato físico ou local de vir para ouvi-lo pregar foi pretendido, pois estas palavras foram dirigidas primeiro para aqueles que já estavam em Sua presença: havia muitos que assistiram o Seu ministério e testemunharam Seus milagres que nunca vieram a Ele no sentido aqui pretendido. O mesmo vale hoje: algo mais do que uma aproximação nua por meio das ordenanças – ouvindo pregações, submetendo-se ao batismo, participando da Ceia do Senhor – está envolvido em uma ida salvadora a Cristo, pois atos como esses podem ser executados sem o executante estar se beneficiando de qualquer coisa por isso. Vir a Cristo, no sentido que Ele aqui convidou é um sair da alma após Ele, um desejo por Ele, uma busca por Ele, um abraço pessoal e confiante nEle.

Vir a Cristo de maneira salvífica sugere em primeiro lugar e negativamente uma o abandono de alguma coisa, pois a promessa divina é: “O que encobre as suas transgressões nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia” (Provérbios 28:13). Vir a Cristo, então, denota a virar as costas para o mundo e virar nossos corações para Ele como a nossa única Esperança e Porção. É o abandono de todos os ídolos e a rendição de nós mesmos ao Seu senhorio. É o repúdio da nossa própria justiça e toda dependência, e o coração vai a Ele em amorosa submissão e firme confiança. É sair inteiramente de nós mesmos, de todas as nossas resoluções e performances para lançar-nos à Sua graça e misericórdia. É voluntariamente render-nos à Sua autoridade a sermos despojados por Ele, e segui-Lo para onde quer que Ele possa conduzir. Em suma, é toda a alma de um pecador

culpado e autocondenado voltando-se totalmente para Cristo, no exercício de todas as nossas faculdades, respondendo às suas reivindicações sobre nós, preparados para confiar sem reservas, amar em sinceridade e devotadamente servi-Lo.

Temos dito que vir a Cristo é o virar-se de toda a alma para Ele. Talvez isso exija alguma amplificação, embora nós cremos que não devemos confundir o leitor, multiplicando palavras e entrando em detalhes. Existem três principais faculdades na alma: a compreensão, os afetos e a vontade – e como cada uma delas eram operantes foram afetadas pelo nosso rompimento original de Deus, por isso elas são e devem ser ativas em nosso retorno a Ele em Cristo. Sobre Eva está registrado “E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu” (Gênesis 3:6). Primeiro, ela “viu que a árvore era boa para se comer”, ou seja, ela percebeu o fato mentalmente – Era uma conclusão tirada por sua compreensão. Em segundo lugar, “e que era agradável aos olhos”: essa foi a resposta saindo de seus afetos a ela. Em terceiro lugar, “e uma árvore desejável para dar entendimento”: havia o movimento da sua vontade. “E tomou do seu fruto, e comeu”: Então houve a ação concluída.

Assim é a vinda do pecador a Cristo. Há, em primeiro lugar, a apreensão pela compreensão: a mente é iluminada e levada a ver a nossa profunda necessidade de Cristo e Sua perfeita adequação para atender às nossas necessidades: a inteligência percebe que Ele é “bom para se comer”, o Pão da vida que Deus tem graciosamente fornecido para o alimento de nossas almas. Em segundo lugar, há o movimento dos afetos: até agora não temos percebido nenhuma beleza em Cristo para que O desejássemos, mas agora Ele é “agradável aos olhos” das nossas almas: o coração é convertido do amor ao pecado para o amor à santidade, do eu para o Salvador – é por esta razão que a apostasia ou declínio espiritual é chamado de abandono do nosso “primeiro amor” (Apocalipse 2:4). Em terceiro lugar, na vinda a Cristo existe a Cristo um exercício da vontade, pois Ele disse para aqueles que não o receberam: “não quereis vir a mim para terdes vida” (João 5: 40). Este exercício da vontade consiste em um rendimento de nós mesmos a sua autoridade para sermos governados por Ele.

Ninguém virá a Cristo, enquanto eles permanecem na ignorância [do conhecimento] dEle: o entendimento deve perceber sua adequação para os pecadores antes que a mente possa tornar-se de forma inteligente e conscientemente para Ele como Ele é revelado no Evangelho. Nem pode o coração vir a Cristo enquanto ele O odeia ou é casado com as coisas temporais e sensuais: os afetos deve arrastados a Ele: “Se alguém não ama o Senhor Jesus Cristo, seja anátema” (1 Coríntios 16:22). Igualmente evidente é que ninguém virá a Cristo, enquanto a sua vontade se opõe a Ele: é a iluminação de sua compreensão e a demissão (mortificação) de suas afeições que subjuga sua inimidade e torna o pecador

voluntário no dia do poder de Deus (Salmos 110:3). É útil observar que estes exercícios das três faculdades da alma correspondem ao caráter tríplice de Cristo: o entendimento que está sendo iluminado por Ele como Profeta, os afetos sendo movido por seu trabalho como Sacerdote, e a vontade se curvando a Sua autoridade como Rei sobre Sião.

Nos dias de Sua carne, o Senhor Jesus dignou-se a ministrar aos males e necessidades dos corpos dos homens e não poucos vieram a Ele e foram curados: em que possamos ver um esboço dele como o grande Médico das almas e o que é exigido dos pecadores se quiserem receber a cura espiritual em Suas mãos. Aqueles que procuraram a Cristo a fim de obter alívio corporal foram persuadidos de Seu poder, Sua disposição graciosa, e de sua própria extrema necessidade de cura. Mas note-se que então, como agora, essa persuasão na suficiência e prontidão do Senhor para socorrer variou em grau em diferentes casos. O centurião falou com plena certeza: “dize somente uma palavra, e o meu criado há de sarar” (Mateus 8:8). O leproso expressou-se mais hesitante: “Senhor, se quiseres, bem podes limpar-me” (Mateus 8:2). Outro usou ainda linguagem mais fraca: “se tu podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nós, e ajuda-nos” (Marcos 9: 22), mas mesmo aí o Redentor não esmagou a cana quebrada, nem apagou o pavio que fumega, mas graciosamente operou um milagre em Seu Nome.

Mas deixe ser cuidadosamente observado que, em cada um dos casos acima, houve uma aplicação pessoal e real a Cristo, e era esta mesma aplicação (ou aproximação para e por apelar a Ele) que manifesta sua fé, apesar de que a fé era pequena como um grão de mostarda. Eles não se contentam com ter ouvido falar de sua fama, porém mais do isso: eles realmente O procuraram para si, dá-Lo o seu caso, e imploraram Sua compaixão. Assim deve ser com aqueles preocupados com interesses da alma: a fé salvadora não é passiva, mas operatória. Além disso, a fé daqueles que buscavam a Cristo para alívio físico foi uma que se recusou a ser intimidada pelas dificuldades e desânimos. Em vão as multidões ordenaram ao cego ficar quieto (Marcos 10: 48), sabendo que Cristo era capaz de dar-lhe a vista, ele clamou muito mais. Mesmo quando Cristo pareceu manifestar uma grande segurança, a mulher se recusou a sair até que seu pedido foi concedido (Mateus 15: 27).

*Toda glória, honra e louvor sejam dados ao Soberano Deus!*

O texto deste e-book é a primeira parte de uma exposição de Mateus 11:28-30 feita por A. W. Pink. Leia-a por completo clicando neste link: <[http://www.eternallifeministries.org/awp\\_learn.htm](http://www.eternallifeministries.org/awp_learn.htm)>

Texto originalmente editado por Emmett O'Donnell por Mt. Zion Publicações, um ministério da Mt. Zion Bible Church, 2603 West Wright St., Pensacola, FL 32505. ([www.mountzion.org](http://www.mountzion.org))

Fonte: [EternalLifeMinistries.org](http://EternalLifeMinistries.org) | Título Original: The Call Of Crist

Tradução e diagramação por William Teixeira | Revisão e capa por Camila Rebeca Almeida

Você tem permissão de livre uso deste e-book e o nosso incentivo a distribuí-lo, desde que não altere o seu conteúdo e/ou mensagem de maneira a comprometer a fidedignidade e propósito do texto original, também pedimos que cite o site **OEstandarteDeCristo.com** como fonte. Jamais faça uso comercial deste e-book.

QUEM SOMOS:

O Estandarte de Cristo é um projeto cujo objetivo é proclamar a Palavra de Deus e o Santo Evangelho de Cristo Jesus, para a glória do Deus da Escritura Sagrada, através de traduções inéditas de textos de autores bíblicos fiéis, para o português. A nossa proposta é publicar e divulgar traduções de escritos de autores como os Puritanos e também de autores posteriores àqueles como Arthur Walkington Pink, Charles Haddon Spurgeon e Robert Murray McCheyne. Nossas traduções estão concentradas nos escritos dos Puritanos e destes últimos três autores.

O Estandarte é formado por cristãos que buscam estudar e viver as Escrituras Sagradas em todas as áreas de suas vidas, holisticamente; para que assim, e só assim, possam glorificar a Deus e deleitar-se nEle desde agora e para sempre.

Visite nossa página no Facebook: [www.facebook.com/ArthurWalkingtonPink](http://www.facebook.com/ArthurWalkingtonPink)  
Contato: [OEstandarteDeCristo@outlook.com](mailto:OEstandarteDeCristo@outlook.com)

## Uma Biografia de Arthur Walkington Pink



**Arthur Walkington Pink (1886 - 1952) e sua esposa Vera E. Russell (1893 – 1962)**

Arthur Walkington Pink (01 de abril de 1886 – 15 de julho de 1952) foi um evangelista e teólogo inglês, conhecido por sua firme adesão aos ensinamentos calvinistas e puritanos. Nasceu em Nottingham, Inglaterra. Seus pais eram cristãos piedosos e ele tinha um irmão e duas irmãs. Aos 16 anos A. W. Pink encerrou os seus estudos e entrou para o ramo de negócios. Rapidamente obteve sucesso no que havia determinado fazer, mas, para a tristeza dos seus pais, ele abriu mão do Evangelho. Foi nesta época que ele se tornou um discípulo da Teosofia e do Espiritismo. Em 1908 ele já era conhecido como um teosofista e um espírita praticante. Neste mesmo ano, com 22 anos, ao chegar em casa após uma reunião teosófica, seu pai dirigiu-se a ele e citou este versículo da Bíblia:

"Há caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte" (Provérbios 14:12)

Pink foi para o seu quarto e ficou pensando nas palavras que seu pai lhe dissera. Em seguida resolveu orar e pedir uma orientação a Deus. Foi o suficiente para enxergar o seu erro. Esta experiência foi tão marcante que A.W. Pink encontrou o que tanto desejava: Jesus Cristo, Aquele que lhe daria a Água Viva para saciar a sua sede, assim como prometera à mulher samaritana (Jo 4:14).



Cristo tornara-se real para ele! O mais interessante é que, na 6ª feira daquela mesma semana, Pink faria uma palestra para os adeptos da Teosofia (que ainda não sabiam de sua conversão). No dia e hora marcados, Pink dirigiu-se ao salão de Convenções da Teosofia. Quando subiu para falar, pregou o Evangelho em demonstração de Poder. A reação da turba foi imediata: retiraram-lhe à força e lançaram-no à rua. Um episódio que serviu para abrir os olhos dele para o caminho que o esperava!

Assim, Arthur Pink não tinha mais dúvidas sobre o seu chamado. Mas em qual Igreja? Havia tanto liberalismo nos ministérios. Então, ele foi recebido na Igreja dos Irmãos, onde ensinavam a Bíblia com muito amor. Depois, recomendaram que ele fosse estudar no Instituto Dwight L. Moody, em Chigago, Estados Unidos. Então, em 1910, ele foi para Chicago estudar. Mas logo abandonou o Instituto, por discordar do que ali era ensinado. Nos anos que se seguiram esteve pastoreando Igrejas no Colorado e na Califórnia. Em 1916, casou-se em Kentucky, com uma mulher chamada Vera E. Russell. Em 1917 pastoreou uma Igreja Batista na Carolina do Sul.

Foi nesta época que ele começou a ter problemas com o seu ensino. Começou a ler os puritanos e descobriu verdades que o perturbaram. Principalmente sobre a grande doutrina bíblica da Soberania de Deus, porém à medida que ele começou a pregar sobre isto, descobriu que não eram coisas populares. Em 1920, ele saiu da Igreja Batista na Carolina do Sul e começou um ministério itinerante em todos os EUA, para anunciar à Igreja esta visão da Soberania de Deus. Suas pregações eram firmes e bíblicas, mas, não eram populares, seus ouvintes não gostavam do que ele pregava.

Em 1922, começou uma revista chamada *Studies in the Scriptures* (Estudo nas Escrituras). Mas poucas pessoas se interessaram pela leitura da Revista. Ele publicou 1000 revistas e, muitas delas, não foram sequer vendidas. Ainda neste ano, fizeram-lhe um convite para visitar a Austrália. Ele viu neste convite uma grande oportunidade de pregar o Evangelho e terminou por estabelecer-se na cidade de Sidney, à convite das Igrejas Batistas locais. Porém não obteve sucesso em seu ministério como pregador.

Depois de 8 anos vivendo na Austrália, em 1928, Pink retornou à Inglaterra. Onde aconteceu uma surpreendente obra da Providência divina durante 8 anos ele procurou um lugar para pregar a Palavra e ajudar as pessoas, mas não conseguiu encontrar. Ninguém estava interessado em ouvir suas pregações. A sua fé foi duramente provada durante este período e, apesar de toda a luta, ele continuava a editar a revista “Estudo nas Escrituras”, embora somente uns poucos a liam.

Em 1936, ele entendeu que Deus, de alguma forma, havia fechado as portas da pregação para ele. Então ele entregou-se totalmente a escrever e expor as Escrituras Sagradas. Esta era a sua chamada.

Quando começou a 2ª Guerra Mundial, A. W. Pink vivia no sul da Inglaterra, região que sofreu fortes ataques aéreos. Então, em 1940, ele e a sua esposa, Vera, mudaram-se para o norte da Escócia, em uma pequenina ilha chamada Luis. 12 anos depois, em 1952, A.W. Pink faleceu vítima de anemia. Ian Murray, seu biógrafo, relata que, além de sua esposa, apenas oito pessoas apareceram em seu enterro.

Com certeza, A. W. Pink (como assinava em suas cartas e artigos) nunca imaginaria que, no final do século 20 e ao longo do século 21, dificilmente seria necessário explicar quem é Pink quando nos dirigindo às pessoas que consideram a Bíblia como Palavra de Deus e se empenham em compreendê-la, entre outras coisas, utilizando bons livros. Vivendo quase em completo anonimato, salvo por aqueles poucos que assinavam sua revista publicada mensalmente, o valor de Arthur Pink foi descoberto pelo mundo apenas após sua morte, quando seus artigos passaram a ser reunidos e publicados na forma de livros. Ian Murray afirma que, mediante a ampla circulação de seus escritos após a sua morte, ele se tornou um dos autores evangélicos mais influentes na segunda metade do século 20. Foi D. Martyn Lloyd-Jones quem disse: "Não desperdice o seu tempo lendo Barth e Brunner. Você não receberá nada deles que o ajude na pregação. Leia Pink!".

Richard Belcher tem escrito alguns livros sobre a vida e obra do nosso autor, disse o seguinte:

"Nós não o idolatramos. Mas o reconhecemos como um homem de Deus ímpar, que pode nos ensinar por meio da sua caneta. Ele verdadeiramente 'nasceu para escrever', e todas as circunstâncias de sua vida, mesmo as negativas que ele não entendeu, levaram-no ao cumprimento desse propósito ordenado por Deus".

John Thornbury, autor de vários livros, inclusive uma excelente biografia sobre David Brainerd, disse o seguinte: "Sua influência abrange o mundo todo e hoje um exército poderoso de pregadores de várias denominações está usando seus materiais e pregando à congregações, grandes e pequenas, as verdades que ele extraiu da Palavra de Deus. Eu o honro por sua coragem, discernimento, perspicuidade, equilíbrio, e acima de tudo por seu amor apaixonado pelo Deus trino".

As últimas palavras de Pink antes de morrer, ao lado de sua esposa, foram: "As Escrituras explicam a si mesmas". Que declaração final apropriada para um homem que dedicou sua vida ao entendimento e explicação da Palavra de Deus!

---

Esta biografia é baseada nas seguintes fontes:

DIDINI, Ronaldo. Um gigante esquecido da fé cristã: Uma biografia resumida de A. W. Pink. Disponível em: <<https://www.ministeriocaminhar.com.br/?ver=74>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2013.

SABINO, Felipe A. N. Os dez Mandamentos. 1ª edição. Brasília: Editora Monergismo: 2009. Prefácio.